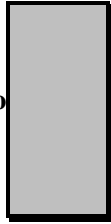


Artigo



UM ANTIFASCISTA CONTROVERSO: FRANCESCO FROLA

João Fábio Bertonha*

Em meados dos anos 20, Benito Mussolini conseguiu completar o processo de transformação de seu governo em uma ditadura. Nesse processo, ele iniciou uma onda de perseguição aos políticos e intelectuais de esquerda. Alguns, como Gramsci, foram aprisionados ou mortos. Muitos, porém, conseguiram fugir da Itália e emigrar para a Europa e a América (Dellzell, 1952; Garosci, 1953; Taddei, 1982 e Zucaro, 1969), onde lutaram para reativar a luta antifascista.

A esses fugitivos, os “*fuorusciti*”, coube um papel-chave na tarefa de gerar uma prática antifascista em suas novas sociedades. De fato, homens como Omero Schiassi, na Austrália (Cresciani, 1973, 1979, 1979A, 1982 e 1996), Gaetano Salvemini, nos Estados Unidos (Ascoli, 1968; Killinger, 1981), Nicola Cilla, na Argentina (Cilla, 1983) e outros, foram fundamentais na luta antifascista desses países, e nesse sentido o papel dos mesmos merece ser ressaltado.

* Doutor em História Social/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá.

No Brasil, a situação não foi diferente, onde vários *fuorusciti*, como Mário Mariani (Falco, 1980 e Lacava, 1983) e o já citado Nicola Cilla, associaram-se a militantes de esquerda e pensadores italianos já há muito no Brasil, como o Prof. Antonio Piccarolo (Bertonha, 1994 e Hecker, 1988), para formar o grupo de intelectuais e políticos que lideraram o antifascismo italiano no país no período entre guerras.

Desses líderes *fuorusciti* em ação no Brasil, o mais expressivo e polêmico foi, sem dúvida, o conde Francesco Frola. Militante e pensador socialista e antifascista, brilhante orador e sempre polêmico em seus atos e opiniões, o conde Frola foi, sem dúvida, um militante antifascista cuja trajetória influenciou decididamente os destinos da luta antifascista italiana no Brasil e, em menor escala, no México e na Argentina.

Abordar a vida do conde Frola em um ensaio biográfico é o nosso objetivo neste texto, que, na verdade, tem tripla orientação. Inicialmente, espera-se demonstrar a importância do pensamento e da ação política de Frola na vida política das comunidades italianas emigradas na América Latina, no período entre as duas guerras. Nesse contexto, será obviamente inevitável uma abordagem das idéias políticas e das questões sociais maiores afrontadas por ele. Isso posto, o artigo procura levantar elementos para discutir a relação do indivíduo Frola com o contexto histórico vivenciado por ele. Não é certamente nossa intenção fazer uma aprofundada discussão teórica das relações indivíduo/sociedade através da vida do conde, mas é nossa impressão que a sua trajetória nos fornece elementos para o trabalho com esse tipo de problema. Finalmente, o artigo tem a clara intenção de fazer certa homenagem a Frola, procurando recuperar a memória de um homem que muito influenciou a história do antifascismo na Itália e na América Latina e que merece, por isso, ser retirado do esquecimento a que está relegado.

Os primeiros anos de vida e de militância e a atividade antifascista no Brasil (1886-1934)

Francesco Frola¹ nasceu em Torino em 1886, de família nobre e abastada. Desde cedo desenvolveu atividade socialista e teve vida desordenada por causa de seus ideais, brigando com a família e emigrando para a América, onde trabalhou como operário. Em 1911, voltou à Itália e se inscreveu no PSI, para o qual fez forte propaganda. Também escreveu um romance com tons anticlericais e de defesa da democracia (Frola, 1914). Por causa de suas tendências socialistas, sofreu diversas punições no Exército, para o qual foi convocado durante a Primeira Guerra Mundial.

Eleito deputado nas eleições de 1919, não se reelegeu em 1924. Escreveu um livro defendendo a aliança dos pequenos proprietários rurais com o proletariado urbano pelo socialismo (Frola, 1923) e, perseguido pelos fascistas, fugiu para a França em 1925. Lá, exerceu atividade antifascista e foi vice-diretor do importante jornal antifascista *Il Corriere degli Italiani*.

O ano de 1926 representa uma virada na vida de Frola. Estando o até então incontestável líder do antifascismo italiano em São Paulo, Antonio Piccarolo, interessado em abandonar (aparentemente, por motivos de ordem pessoal) a direção do jornal antifascista *La Difesa*, e sendo Frola um antifascista de destaque, foi convidado pelo primeiro (a quem não conhecia) para o cargo. Frola aceitou e embarcou para o Brasil (Piccarolo, 1934).

A chegada de Frola à América do Sul foi aventureira: o governo brasileiro foi induzido pelo italiano a bloquear seu desembarque e provocou imensa campanha pró-Frola entre os antifascistas e na maior parte da imprensa brasileira.²

¹ As informações biográficas sobre Frola vêm de Andreucci (1975); Tombaccini (1988); Frola (1926, 1938, 1947 e 1954) e, especialmente, do Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale (ACS/CPC), b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”) e do Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social (AESP/DOPS), Prontuário 152 (“Francesco Frola”).

² Para extratos da campanha da imprensa e detalhes sobre o episódio, ver Frola

Resolvida finalmente a questão de sua permanência no país, Frola assumiu o controle da maior associação antifascista então existente, a União Democrática, alterando seu nome para Lega Antifascista. Ao mesmo tempo, tornou-se o novo diretor do *La Difesa*, permanecendo Piccarolo, porém, na equipe do jornal.

Antonio Piccarolo viu, posteriormente (Piccarolo, 1934), essa ascensão de Frola à direção do *La Difesa* como o início de um período de decadência, de desvio de fundos e de problemas generalizados para o jornal e para o antifascismo. Confirmar essas denúncias é difícil. Muito mais fácil, contudo, é verificar as inúmeras mudanças que Frola introduziu no jornal e no movimento antifascista.

Antes de mais nada, Frola era muito mais ativo do que Piccarolo: fez conferências por todo o sul/sudeste do Brasil, implantou comícios e debates - agressivos e bem-feitos³ - onde pôde e inaugurou um estilo jornalístico tão agressivo que beirava à grosseria. Tinha, além disso, dotes de orador que superavam em muito os de Piccarolo⁴, o que era muito relevante, em termos de propaganda, naquele período.

Frola vai se orgulhar muito dessa nova vida que deu ao antifascismo e, em artigos de época⁵ e em livros posteriores (Frola, 1938 e 1947), vai inflar

(1927). Para as notas do governo italiano ao brasileiro pedindo o máximo empenho para impedir Frola de desembarcar, ver Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI), 286/3/13, várias notas de 1926.

³ Ver AHI, 286/3/13, Ofício da Embaixada Italiana ao Itamaraty de 7 de dezembro de 1926, onde a dita Embaixada usa justamente o argumento da maior atividade de Frola para pedir sua expulsão.

⁴ Ver os comentários de Zélia Gattai a respeito (1979: 177) e AHI, 286/3/13, Ofício da Embaixada Italiana ao Itamaraty de 14 de novembro de 1926.

⁵ Ver, por exemplo, um artigo de 1927, onde ele diz ter conseguido ampliar o número de assinantes do *La Difesa* de algumas centenas para 5 mil, e o número de cópias de 1.500 a 12 mil em "Per la vita della Difesa" in *La Difesa*, IV/159, 1º de maio de 1927.

incrivelmente os resultados do seu trabalho. Sabemos, hoje, que houve limites que a propaganda de Frola não conseguiu ultrapassar⁶ e que ele realmente exagerou os resultados do seu trabalho. Mas que Frola e seu ativismo representaram um marco na história do antifascismo italiano do Brasil é algo que os próprios fascistas reconheciam: “Antes da chegada do Sr. Frola, não havia no Brasil uma verdadeira propaganda contra o fascismo e se pode afirmar que sem a presença desse senhor, ninguém teria se encarregado de levantar a bandeira do combate [antifascista]”.⁷

Dessa forma, o que podemos notar é que Frola deu novo caráter ao antifascismo, abandonando as idéias de antifascismo como algo meramente intelectual de Piccarolo e ao menos tentou dar a ele um caráter de massa. Isso, aliás, é reconhecido implicitamente por Frola na seguinte passagem: “Eu fiz aquilo que devia, isto é, escancarar as portas do jornal às massas: o ar fresco assustou o homem das convenções [Piccarolo]. Nos tornamos inimigos”.⁸

Outra mudança singular que Frola introduziu no *La Difesa* e no movimento antifascista foi sua maior tolerância aos antifascistas mais à esquerda.⁹ De fato, já em 1927 Frola vai deixar claro que não era comunista e que não aprovava seus métodos, mas não compartilhava da fobia anticomunista

⁶ Para os limites da propaganda de Frola entre os italianos locais, ver ACS/Min. Int., DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile), Fuorusciti e Antifascisti”, Informe Embaixada Italiana, 22 de outubro de 1927.

Para informações sobre como Frola conseguiu, apesar de tudo, ter mais acesso ao operariado de origem italiana em São Paulo e ao mundo operário e de esquerda brasileiro, ver Bertonha (1994a, 1994b e 1999).

⁷ ACS/Min. Int., DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile), Fuorusciti e Antifascisti”, Informe Polizia Politica, 11 de maio de 1927.

⁸ Frola (1931: 18).

⁹ Desde o início, o antifascismo italiano no Brasil esteve sob o domínio dos socialistas. Anarquistas e republicanos eram minoritários e os comunistas, quase inexistentes. Ver detalhes em BERTONHA (1999).

de Piccarolo (Bertonha, 1994); era de opinião que o fascismo era diferente, ao menos num ponto, do comunismo:

Nós, que preferimos a fé democrática, porque na democracia encontramos o terreno ideal aos desenvolvimentos sociais sucessivos, não aderimos ao método da violência e da ditadura, mas sentimos o dever moral de defender da difamação o movimento bolchevique, que é luz ideal enquanto a milícia fascista é obscuridade criminosa.¹⁰

Além dessa confirmação direta, os sinais que indicam uma tolerância infinitamente maior de Frola aos comunistas são numerosos. Eles podem ser percebidos mesmo em pequenos detalhes, como as mudanças que surgem no *La Difesa* na gestão Frola¹¹ e a participação deste em atos de que Piccarolo provavelmente guardaria distância.¹²

Há alguns indícios de que essa ausência de receios nas relações com os comunistas causou atritos com o grupo Piccarolo, enquanto ele ainda não havia se destacado do *La Difesa* para formar um jornal antifascista rival, o *Il Risorgimento*, e outras provas claras desse menor anticomunismo. Em junho de 1927, por exemplo, a Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo, do Rio de Janeiro, sob influência de Frola, convidou o deputado Azevedo Lima, simpaticante do Partido Comunista Brasileiro e do Bloco Operário e Camponês, para discursar. O discurso dele não poderia ser mais radical e deve ter dei-

¹⁰ Frola, Francesco. “Fascismo e Bolscevismo”, In: *Folha da Manhã*, 9 de janeiro de 1927.

¹¹ Começam a aparecer no jornal defesas públicas de comunistas italianos maltratados pelo fascismo, o que Piccarolo jamais se atreveu a fazer. Ver, por exemplo, “I delitti del fascismo italiano. L'assassinio del comunista Gastone Sozzi nelle carceri militare di Perugia”, in *La Difesa*. V/210, 25 de março de 1928; e “Il Processo-ne contro i comunisti incominciato il 28 Maggio”, in *La Difesa*. V/221, 10 de junho de 1928.

¹² Em abril de 1927, por exemplo, Frola vai discursar num festival operário que se inicia com a *Internacional Comunista*. Ver “Grande Festival da Federação Polygraphica do Brasil”, in *La Difesa*. IV/156, 21 de abril de 1927.

xado profundamente chocada a ala mais à direita dos antifascistas italianos. Diz o *La Difesa* sobre o discurso de Azevedo Lima:

Para ele, o caso Matteotti era o atestado vivo da falência do regime burguês. Invoca os princípios marxistas para mostrar que a sociedade caminha a largos passos para o regime comunista e que o fascismo é a tentativa desesperada do capitalismo para manter-se no poder enquanto o proletariado se organiza e luta para conquistá-lo. A burguesia de todos os países se une num só bloco para esmagar o proletariado, que adquire consciência revolucionária. Por isso mesmo, acha que o proletariado deve organizar-se também num bloco de aço, numa barreira inexpugnável (...) O proletariado deve refugiar-se no seu partido. Fora deste, não há salvação (...)¹³

Frola também abriu as portas do *La Difesa* a elementos como os comunistas Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e os anarquistas Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai.¹⁴ Além disso, vários antigos inimigos de Piccarolo no movimento socialista paulistano, como Vincenzo Vacirca e Giovanni Scala, passaram a escrever no jornal, o que caracteriza uma caminhada para a esquerda.

Frola, assim, não apenas tinha uma política e idéias que atraíam os poucos anarquistas e comunistas, como também os socialistas de pensamento mais à esquerda preferiam a sua liderança à de Piccarolo. Com este, ficaram os republicanos e os socialistas ultra-moderados, o que reflete, em boa medida, as divisões do socialismo italiano internacional no pós-Primeira Guerra Mundial.

¹³ Ver “L’Indeminticabile serata a Rio de Janeiro”, in *La Difesa*. IV/170, 19 de agosto de 1927.

¹⁴ Há também registros de vendas de jornais anarquistas brasileiros e argentinos como *A Plebe* em suas palestras, onde participavam também anarquistas brasileiros como Domingos Grimaldi e Edgar Leuenroth. Ver AESP/DOPS, Prontuário 152 (“Francesco Frola”), relatórios de 28 de março e 1º de abril de 1927.

Isso posto, resta agora responder a uma questão-chave: por que Frola era mais aberto para a colaboração com os comunistas, os anarquistas e as forças mais à esquerda em geral?

Como vimos anteriormente, a resposta a essa questão não pode ser buscada na compatibilidade ideológica entre o socialismo de Frola e o comunismo. Realmente, Frola, apesar de estar bem mais à esquerda de Piccarolo no espectro político, continuava a ser um socialista, sem nada que pudesse indicar uma adesão aos ideais comunistas, muito pelo contrário.¹⁵ O que, na verdade, parece ter conduzido Frola à colaboração com os comunistas foi uma concepção muito cara ao seu pensamento: a união total de partidos e forças contra o fascismo.

Na realidade, esta não é uma política exclusiva de Frola. Também Piccarolo e a *Concentrazione*¹⁶ adotaram-na, mas com uma limitação clara: a exclusão dos comunistas ou de quem quer que fosse suspeito de sê-lo. Frola parece ter rompido esse limite e realmente cumprido sua promessa de manter unidos os antifascistas, por mais diversas que fossem suas idéias.¹⁷

¹⁵ O que não implica esquecer que a visão de comunismo de Frola era, de fato, muito mais positiva do que a de Piccarolo. Ainda em 1937, ele diz que o cooperativismo de seus sonhos está se desenvolvendo na Rússia dos soviets e apresenta por isso uma boa impressão dela. Ver Frola (1937: 335-337). Ver também relatos de suas palestras no seu prontuário no AESP/DOPS, citado.

De qualquer forma, a aproximação de Frola com o comunismo o fez receber especial atenção da polícia política brasileira e do consulado italiano. Ver Bertonha (1996 e 1999).

¹⁶ A *Concentrazione d’Azione Antifascista* era um “cartel” de partidos de esquerda italianos reconstruídos no exterior que se propunha a coordenar e organizar a luta contra o regime. Surgida em 1926, incluía os socialistas, os republicanos e os membros da *Lega Italiana dei Diritti dell’uomo*. Piccarolo e Frola procuraram ser os representantes desse grupo no Brasil, tendo Piccarolo vencido a disputa. Ver detalhes em Bertonha (1999).

¹⁷ A promessa foi feita no primeiro artigo que Frola escreve no *La Difesa*: “Ringraziamenti e Propositi”, in *La Difesa*. III/113, 7 de novembro de 1926.

Isso levou-o a alianças com várias correntes políticas italianas em ação no Brasil no momento, dando espaço a elas no *La Difesa*: "Durante o tempo em que ele guiou o movimento antifascista não se verificou no nosso campo nenhum dissídio de caráter político. Republicanos, como eu, socialistas de todas as gradações, filo comunistas, anarquistas, todos os antifascistas de esquerda seguiam fraternalmente a batalha comum."¹⁸

Ele também se recusou terminantemente, mesmo sob o risco de atrito com a *Concentrazione*, de romper a frente unitária contra o fascismo:

Quando, em 1926, fui chamado a São Paulo para dirigir o *La Difesa*, mantive o jornal em uma linha decisivamente unitária e mesmo quando surgiu a *Concentrazione* de Paris e chegaram instruções para transformar a Lega Antifascista, na qual tinham expressão todas as idéias e todos os partidos, em uma seção brasileira da *Concentrazione*, com a exclusão dos comunistas e dos anarquistas, me recusei a aderir a tal medida.¹⁹

e manteve uma ação integrada com outros antifascistas brasileiros e italianos para barrar o fascismo. Uma posição realmente inovadora dentro do antifascismo ítalo-brasileiro e que deve ser valorizada.

Essas diferentes políticas de Frola e Piccarolo em relação ao antifascismo eram embasadas, claro, em sólidas divergências ideológicas. De fato, as diferenças políticas entre Frola e Piccarolo eram notáveis. Apesar de ambos se declararem "socialistas" e procurarem se comportar como tal, havia divergências sérias em pontos de enorme importância para homens engajados numa luta antifascista. Em primeiro lugar, eles não conseguiam encontrar um denominador comum para sua definição do que era o fascismo. Piccarolo fazia questão de aceitar e defender a visão tradicional do Partito Socialista Unitário, que identificava o fascismo como um "acidente histórico" sem importância e que desabaria naturalmente (Bertonha, 1994). Já Fro-

¹⁸ Declaração de Libero Battistelli in Frola (1931: 23).

¹⁹ Frola (1947: 173).

la discordava dessa visão e insistia em ver o fascismo como um fenômeno de classe. É verdade que ambos evitavam se aproximar de uma interpretação rigidamente classista do fascismo (como faziam os comunistas, sempre prontos a ver neste uma mera derivação do capital monopolista e do imperialismo), mas a divergência entre eles nesse aspecto é clara e marcante.

Frola e Piccarolo também tinham visões de revolução e de mudança social bem diversas. Ambos defendiam a existência do Estado de direito e a transição pacífica e lenta para o socialismo. Piccarolo era, porém, tão moderado que não se consegue localizar, em suas reflexões, mais do que leves e vagos indícios do como se daria essa transição. Isso era execrado por Frola, que apesar de também ser socialista, transmitia, em seus pensamentos, diretrizes seguras dos estágios que seriam progressivamente atingidos -- através da ação popular nas engrenagens do Estado de direito --, até a vitória final do socialismo.

O resultado do encontro de personalidades e visões de mundo tão diversas não podia deixar de ter conseqüências para o antifascismo. De fato, o conflito entre ambos marcou profundamente a trajetória do antifascismo italiano no Brasil por vários anos (especialmente entre 1927 e 1934) e merece ser estudado em mais detalhes.

Os conflitos Frola/Piccarolo e Frola/Concentrazione

Muito resta a ser discutido, realmente, sobre a disputa de Frola com Piccarolo e a seção brasileira da *Concentrazione*. Em primeiro lugar, devemos retomar a questão das razões para o conflito. Temos, a respeito do mesmo, dois níveis de explicações: a oferecida pelos próprios atores e a fornecida pela historiografia. Vejamos uma a uma.

Piccarolo e Frola apresentaram, um contra o outro (Frola, 1931 e Piccarolo, 1934) uma enorme coleção de impropérios e insultos: surgem

acusações de corrupção, traição, imediatismo etc. É difícil, senão impossível, estabelecer a veracidade dessas acusações e em que medida os fatos que elas narram se tornaram realmente fatores de desavença entre Frola e Piccarolo. É nossa impressão, porém, que essas acusações, por mais verdades que possam apresentar e por mais que tenham ajudado a manter acesa a fagulha da discórdia, são mais instrumentos da luta que efetivamente causas dela, as quais devem ser buscadas, não nas acusações mútuas, mas em motivações de caráter pessoal e político.

As motivações de caráter pessoal já foram suficientemente exploradas pela historiografia (Trento, 1989), que peca, no entanto, ao convertê-las em única explicação para o conflito Frola *vs.* Piccarolo. É óbvio que grande parte do atrito entre eles se deveu a razões de ordem pessoal (rivalidades, ciúmes, disputa por poder e prestígio etc.), mas não podemos considerá-las como único aspecto a ser levado em conta. Se assim procedêssemos, estaríamos, na realidade, repetindo uma argumentação que, apesar de ter aspectos dignos de serem levados em conta, não passa de uma arma política de alguns antifascistas interessados em reduzir todos os conflitos internos aos antifascistas italianos de São Paulo a meras questões pessoais (o que ampliaria as possibilidades de união interna).²⁰

É fundamental destacar, então, que o conflito de Frola com Piccarolo e Mariani ocorria também por motivos políticos e de ordem estratégica, de decidir como lutar contra o fascismo. As questões do fascismo de massa/fascismo intelectual, da abertura do antifascismo para as forças mais à esquerda, de definir o fascismo e a futura sociedade italiana pós-fascismo etc., eram realmente, como se viu há pouco, impossíveis de ser conciliadas e representavam foco central de disputas entre os dois lados.

Entendemos, portanto, que havia um sólido grau de divergência política entre os dois líderes e que as acusações feitas por ambos os lados refleti-

²⁰ Cilla, Nicola. “Per l'unità antifascista del proletariato”, in *La Difesa*. VIII/371, 12 de setembro de 1931.

am, na realidade, uma situação complexa, em que fatores de ordem pessoal e política se associavam para promover a rivalidade entre ambos.

Nesse sentido, o conflito de Frola com Piccarolo, Mariani e Cilla²¹ vai espantar pela sua intensidade e violência. São abandonados quaisquer escrúpulos e restrições e a troca de insultos e acusações é contínua. O *La Difesa* pós-1930 (quando o grupo de Piccarolo consegue reassumir o controle do jornal) se enche, assim, de críticas a Frola, com os artigos assumindo uma violência que não haviam experimentado antes.²² A resposta de Frola também foi no mesmo tom,²³ indicando como foi forte o conflito que ele provocou dentro do antifascismo italiano de São Paulo no período estudado.²⁴

É importante notar que o conflito Frola X Piccarolo não representou uma ruptura total no seio do socialismo italiano de São Paulo, já que se mantiveram os contatos de ambos com a sede da *Concentrazione* em Paris - ainda que um (Piccarolo) fosse aceito por ela e outro (Frola) não -- e as rela-

²¹ Mario Mariani e Nicola Cilla, importantes figuras do antifascismo italiano mundial, chegaram ao Brasil em 1929 e associaram-se a Piccarolo na luta contra Frola.

²² Ver os artigos “Scampoli e ritagli in liquidazione”, in *La Difesa*. VIII/370, 5 de setembro de 1931, e “L’Assemblea, unanime, approva l’ordine del giorno della Concentrazione sulla situazione del movimento antifascista in Brasile”, in *La Difesa*. VIII/372, 19 de setembro de 1931.

²³ Ver alguns artigos pró-Frola no jornal *Lo Spagheto* (Por exemplo: “La cosiddetta Concentrazione”, in *Lo Spagheto*. III/13, 5 de julho de 1931, e “Origini, Vicende e Consistenza della Concentrazione Antifascista”, in *Lo Spagheto*. III/14, 12 de julho de 1931.

²⁴ Curioso notar como esses conflitos internos dos antifascistas italianos do Brasil se espelhavam em suas ligações externas. Frola, por exemplo, escrevia no jornal *La Patria degli Italiani* de Buenos Aires, e o representava no Brasil, ao passo que Piccarolo fazia o mesmo com seu rival *L’Italia del Popolo*, no qual Mariani também escrevia. As posições ideológicas e os conflitos e alianças internos aos antifascistas italianos do Brasil vinham e se refletiam também, a partir de um referencial externo. Ver ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”), relatório da Embaixada Italiana de Buenos Aires de 27 de novembro de 1930 e b. 3059, p. 814 (“Mariani, Mário”), relatório da Embaixada de Buenos Aires, 26 de agosto de 1930.

ções de ambos os grupos em luta. Por outro lado, os sinais de conflito são muito evidentes para serem descartados e devem, portanto, ser destacados.

Assim, os socialistas italianos de São Paulo se dividiram, devido aos conflitos entre Frola e o grupo de Piccarolo, Mariani e Cilla. De fato, é visível como já em 1930 o Gruppo Socialista Giacomo Matteotti estava se inclinando para posições mais à esquerda e a favor da unidade socialista e de um antifascismo mais classista.²⁵ Foi esse posicionamento que acabou levando a conflitos com os socialistas mais moderados ligados a Cilla e a Piccarolo e com a *Concentrazione* local, e à defesa contínua de Frola por parte do Grupo. Realmente, os próprios impressos do movimento de 1931 ressaltam que o que os deixava indignados com Piccarolo, Cilla e Mariani era o fim do ecumenismo antifascista praticado por Frola, a ineficiência do *La Difesa* -- e da *Concentrazione* e seu antifascismo “burguês”.²⁶ Problemas pessoais²⁷ e políticos estão, pois, interligados para determinar os dissídios internos dos socialistas e antifascistas em geral.

Podemos concluir, então, que a briga de Frola com Piccarolo, Mariani e Cilla realmente dividiu o antifascismo italiano local na sua luta contra o fascismo e trouxe dissabores e problemas que anularam, em parte, os esforços de potencialização do antifascismo de Frola e o enorme investimento de energias feito pelo antifascismo para implantar a *Concentrazione* no Brasil. Esta foi lentamente perdendo as forças até o seu final, no Brasil e no mundo,

²⁵ Ver “Programa del gruppo socialista Giacomo Matteotti”, in *La Difesa*. VI/326, 21 de setembro de 1930.

²⁶ Ver os exemplares do *Bollettino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti* de 1931 e “La campana del Gruppo Matteotti risponde a quella della Difesa”, in *Lo Spaghetto*. III/17, 30 de agosto de 1931.

²⁷ De fato, as discussões sobre a liberdade que Frola se atribuía de usar para seu proveito pessoal os recursos financeiros do movimento também são foco de discussão entre os socialistas no momento. O lado humano de nossos personagens e seus conflitos não deve ser, pois, ignorado.

em 1934. A ação de Frola, para o bem e para o mal, foi fundamental nesse processo, como esperamos ter demonstrado.

Francesco Frola e o antifascismo brasileiro (1934-1938)

No decorrer dos anos 1920 e início dos 1930, a questão do fascismo foi vista, tanto no Brasil como em outros lugares, como eminentemente italiana e devia ser resolvida entre os italianos. Claro que uma simpatia pela causa antifascista existia entre intelectuais e correntes de esquerda brasileiros, mas o fato é que as lutas do primeiro antifascismo e da *Concentrazione* no Brasil eram ainda manifestações que se restringiam basicamente (mas não, claro, exclusivamente) aos limites da colônia italiana.

Nos anos 20, de fato, a busca de alianças pelos antifascistas italianos esbarrava na falta de interesse das esquerdas brasileiras em combater realmente o fascismo. Nos anos 30 e, especialmente, no período após 1932, com a criação do Integralismo, a questão do fascismo passou para o primeiro plano no rol das prioridades da esquerda brasileira, o que se tornou fator de revitalização de um antifascismo italiano que lutava para se afirmar e superar as crises do final dos anos 20 e de transformação destes, via aliança com o antifascismo brasileiro, num antifascismo de massa..

Nesse processo de articulação de contatos da esquerda brasileira com a italiana e de formação de um antifascismo brasileiro, os antifascistas italianos em ação no Brasil (como Oreste Ristori, Goffredo Rosini e outros) tiveram papel-chave. Frola, coerentemente com sua posição de defesa das frentes únicas contra o fascismo, não poderia ter agido de forma diferente, tornando-se um elemento importante na formação da primeira grande frente antifascista do Brasil, a Frente Única Antifascista (FUA), em 1933/34.

De fato, na lista de organismos e associações participantes da FUA estão presentes, entre outros grupos e organismos italianos exilados, a revista *Socialismo* (dirigida por Frola) e o Gruppo Socialista Giacomo

Matteotti (sob a influência de Frola). Francesco Frola também teve papel-chave na própria organização da FUA. De fato, há registros de sua participação em reuniões preparatórias do Comitê Antiguerreiro e Antifascista já em 1933²⁸ e de seus discursos emocionados nas conflituosas reuniões de constituição da Frente (MAFFEI, 1979; 1984: 79) cujo papel foi importante na superação das divergências que tornaram possível a Frente Única Antifascista. Foi também Frola quem discursou e ajudou a preparar o caminho para a reunião de conagraçamento dos antifascistas brasileiros com os italianos em 10 de junho de 1934. Por fim, ele não era somente o orador habitual dos comícios antifascistas,²⁹ como escrevia regularmente e era objeto de debate nos jornais antifascistas brasileiros;³⁰ estava na famosa Batalha da Praça da Sé (onde os antifascistas brasileiros conseguiram dissolver uma grande manifestação integralista) e foi preso na onda de repressão que se seguiu.³¹

²⁸ Ver relatório de 4 de novembro de 1933 in AESP/DOPS, Prontuário 152 (“Francesco Frola”). Por essa época, aliás, Frola já havia se naturalizado brasileiro. Ver AN/IJJ 6 N461 (“Processo de Naturalização de Francesco Frola”), com conclusão em 25 de setembro de 1933.

²⁹ Inclusive, o primeiro comício da FUA, na *Lega Lombarda* (baluarte do antifascismo italiano em São Paulo), foi aberto com um discurso de Frola. Ver ASMAE/Affari Politici, 1931-1945, Brasile, b. 5, p. “Comunismo”, relatório da Embaixada Italiana de 29 de agosto de 1933.

³⁰ Ver, por exemplo, artigos sobre Frola (favoráveis e contrários) em “Frente única de luta e frente única de tapeação”, in *Vanguarda Estudantil*, fev/1934; “Movimento antifascista e anti guerreiro”, in *Vanguarda Estudantil*, jan/1934; e “A constituição da Frente Única”, in *O Homem Livre*, 2 de julho de 1933. De Frola, ver “Claudio Treves”, in *O Homem Livre*, 24 de junho de 1933, e “Mussolini e o pacto quádruplo” in *O Homem livre*, 2 de julho de 1933.

³¹ Para as informações dos últimos parágrafos, ver Maffei (1979 e 1984); Abramo (1984) e os depoimentos de Miguel Costa Jr. (Carapicuíba, 24 de outubro de 1994) e Lélia Abramo (São Paulo, 17 de dezembro de 1992) ao autor. Ver também o prontuário de Frola no AESP/DOPS, citado. Para protestos de intelectuais

No caso do organismo antifascista brasileiro que sucedeu a FUA, ou seja, a Aliança Nacional Libertadora, os sinais de participação de Frola são menores. Ainda assim, é importante notar que o Partido Socialista Brasileiro (PSB), participante da FUA e também da ANL, tinha, certamente por mediação de Frola, a participação dos refugiados antifascistas italianos. O PSB foi, assim, um dos canais através dos quais a participação dos antifascistas italianos, e do próprio Frola, se deu, tanto na Frente Única Antifascista como na Aliança Nacional Libertadora.³²

Também é interessante notar que, mesmo quando a ANL foi colocada fora da legalidade em julho de 1935, os antifascistas italianos não desistiram de sua política de aliança com os brasileiros. De fato, há registros de que os militantes do Gruppo Socialista Giacomo Matteotti aderiram definitivamente ao PSB em 1935³³ e foi por intermédio do PSB que eles, e provavelmente Frola, conseguiram forças para prosseguir na luta contra o fascismo, até que a repressão do governo Vargas acabasse por calar a todos, brasileiros e italianos, principalmente a partir de 1937.

A partir de 1935 e, especialmente, de 1937, tanto o antifascismo brasileiro como o italiano em ação no Brasil começaram, por diversos fatores (entre os quais a repressão cada vez maior do governo brasileiro à esquerda) a declinar e quase desaparecer. Frola, detido em 1935 e fortemente pressio-

brasileiros pelas contínuas prisões de Frola, ver vários números de *A Platea* de fins janeiro/inícios fevereiro de 1934.

³² As ligações do PSB com os socialistas italianos eram antigas. Não só Frola foi um dos fundadores do Partido em 1932, como já em 1933 o órgão oficial do PSB paulista (*Luta Social*) escreve sobre as boas relações do Grupo Socialista Giacomo Matteotti (não por acaso sob influência de Frola) com o PSB. Ver a edição do jornal de 13 de novembro de 1933. Ver também Carone (1991: 98-100).

Para conflitos internos do PSB em relação a Frola, ver “O direito de cidadania do Conde Frola”, in *A Platea*, 13 de janeiro de 1934.

³³ Ver relatórios de 17 de agosto de 1935 in AESP/DOPS, Prontuário 1009 (“Partido Socialista Brasileiro”).

nado pela polícia a cessar sua militância, sofreu contínuos maus tratos nas mãos dela e dos fascistas locais, e teve de se adaptar à situação reduzindo sua luta antifascista à divulgação de material contra a guerra da Etiópia nos jornais brasileiros³⁴, a algumas publicações (Frola, 1937 e 1937a) ou à coleta de dinheiro para a guerra da Espanha.³⁵ Ele ainda tinha esperanças de a situação brasileira evoluir favoravelmente para o antifascismo³⁶, mas em 1938, finalmente, decidiu abandonar o clima asfíxiante do país onde havia residido por 12 anos (com exceção de uma viagem à Paris³⁷ e de uma rápida passagem pela Argentina em 1930³⁸), onde passava necessidades econômi-

³⁴ Carta de Francesco Frola a Pietro Nenni (Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1935) in Fondazione Pietro Nenni/Archivio Pietro Nenni, b. 7, f. 431.

³⁵ Nessa época, Frola não só coletava dinheiro para a Espanha como discursava, quando podia, em cafés de São Paulo, defendendo e divulgando o antifascismo. Ver relatório da Polícia Política italiana, 18 de setembro de 1937 in ACS/Min. Int., DGPS, Div. Affari Generali e Riservati, b. 40, 1937, “Movimento Sovversivo Antifascista”.

³⁶ Ainda em 1937, muitas das esperanças dos antifascistas italianos para vencer o Integralismo e a ação fascista italiana no Brasil recaíam na vitória de José Américo para a presidência da República, e há registros de contatos de políticos ligados a ele com os antifascistas italianos, especialmente Frola (que teria tentado, inclusive, fundar um partido social democrático para apoiar José Américo). O golpe de Vargas em 1937 anulou, mais uma vez, essas perspectivas. Ver ACS, Min. Int., DGPS, Divisione Affari Generali e Riservati, b. 40. “Movimento sovversivo antifascista”, relatório de 18 de setembro de 1937.

³⁷ Onde se reuniu com a cúpula da *Concentrazione*. Ver ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”), relatórios da Embaixada Italiana em Paris de 12 e 13 de janeiro de 1930.

³⁸ De fato, Frola fez uma rápida passagem pela Argentina em 1930, quando tentou organizar uma livraria antifascista, fundou dois jornais antifascistas, *La Giustizia* e *Il Risorgimento*, e militou no Partido Socialista Argentino. Segundo a Embaixada Italiana, Frola teve que retornar apressadamente (em fevereiro de 1931) ao Brasil por irregularidades na sua administração do dinheiro do movimento. Ver vários relatórios da Embaixada Italiana em Buenos Aires em ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”).

cas e não via mais possibilidades de exercer atividade política.³⁹ Frola emigrou novamente, desta vez para o México do presidente Lázaro Cardenás, de quem recebera o convite para ser assessor do governo e dar aulas na Universidade Nacional (Frola, 1954); lá, começou uma nova e fecunda fase de sua militância antifascista.

A fase mexicana (1938-1946)

O México representou realmente uma reviravolta na vida de Frola. Em termos pessoais, finalmente teve mais tranquilidade financeira ao ser admitido como consultor na estatal mexicana do petróleo e em outros órgãos do governo mexicano (Vidali, 1972) e ao receber a cidadania do país.⁴⁰ Mais importante, porém, foi a liberdade de desenvolver suas idéias livremente, engajando-se na campanha pela reforma agrária do México⁴¹ e na defesa do petróleo mexicano contra as multinacionais estrangeiras⁴², retomando a luta antifascista através de várias atividades⁴³ e, especialmente, da fundação da *Alleanza Internazionale Giuseppe Garibaldi*.

Ver também Leiva (1983) e Fabbri (1996). Para o suposto encontro de Frola com o famoso anarquista italiano radicado na Argentina, Severino di Giovanni, e a posição contrária a ele assumida por Frola, ver Bayer (1988: 439-440).

³⁹ ACS/CPC, b. 2188, p. 86826 (“Frola, Francesco”), relatório da Prefeitura de Torino, 17 de junho de 1938.

⁴⁰ O governo brasileiro havia cassado sua cidadania brasileira em represália por sua partida para o México.

⁴¹ Ver Frola, Francesco. “O plano sexenal mexicano”, in *Revista do Trabalho*, 10, 1938; e “Problemas mexicanos - A reforma agrária Cardenas”, in *Revista do Trabalho*, 4, 1939.

⁴² Ver suas cartas a Pietro Nenni in *Fondazione Pietro Nenni/Archivio Pietro Nenni*, b. 7, f. 431 e Frola (1940).

⁴³ Ele escreveu diversos livros enquanto no México. Ver Frola (1938, 1938a, 1940 e outros). Além de seu trabalho como jornalista, conferencista e escritor, ele cri-

A Alleanza Garibaldi, criada por Francesco Frola, Mario Montagnana e Vittorio Vidali, representava uma alternativa ao antifascismo filo-americano, rigidamente moderado e anticomunista da Mazzini Society, de suas congêneres latino-americanas (as Italia Libera) e de seus líderes (conde Sforza, Randolpho Pacciardi etc.) e apresentava, como alternativa, as propostas da rígida união dos antifascistas (sem excluir os comunistas), do não retorno da Itália à situação pré-fascismo e de solidariedade, não somente com os Estados Unidos, mas com a União Soviética.⁴⁴

Tal associação teve um certo desenvolvimento com militantes de peso, como Frola, Vidali, Montagnana e Tina Modotti em seus quadros (Minerbi, 1995) e seções surgindo em várias partes do mundo (Oddati, 1991), inclusive uma importante na Austrália sob o comando do irmão de Montagnana (Montagnana, 1987). É verdade que a *Alleanza Garibaldi* seguramente não cumpriu com seus objetivos de atingir com suas propostas as multidões de imigrantes italianos que viviam no continente americano naquele momento, mas merece ser destacado que representou uma alternativa à Mazzini Society e ao seu antifascismo.

É impossível não reconhecer, na experiência da Alleanza Garibaldi, a presença de Francesco Frola, que manteve uma coerência impressionante com seus anos de antifascismo na Europa e no Brasil. Efetivamente, ele não só defendeu até o fim a proposta unitária como se recusou a perder sua iden-

ou, também, vários organismos antifascistas como a Sezione Socialista Italiana, a Federazione italiana dei socialisti all'estero e o Centro Provvisorio per la ricostruzione all'estero del PSI, órgãos que pretendiam ajudar a manter o socialismo italiano vivo no exterior, mesmo naqueles anos negros da guerra. Ver Frola (1947: 243-262) e 1953. Ver também Acción (1942).

⁴⁴ Ver o manifesto da “Alleanza Internazionale “Giuseppe Garibaldi per la libertà d’Italia” de 20 de setembro de 1942. O melhor texto disponível sobre a associação é Fanesi (1992). Para a atuação dessa associação no Brasil do período, para a qual a lembrança das atividades de Frola e seus contatos foram chave, ver Bertanha (1999).

tidade socialista⁴⁵, rejeitando, por exemplo, o reconhecimento que o PCI e a URSS fizeram do governo Badoglio (Minerbi, 1995:219), sem jamais renegar sua fé socialista ou aderir, como acusava-o, na época, a Mazzini Society⁴⁶ e, posteriormente, Aldo Garosci (Garosci, 1953: 219), ao comunismo.

Foi, aliás, com essa acusação que o governo dos Estados Unidos impediu Frola de realizar uma palestra em solo americano em 1941 e retornar à Itália em 1946, o que só foi possível com a intervenção do presidente mexicano.⁴⁷ Em 15 de abril de 1946, finalmente, após 21 anos de exílio, Frola voltou à sua Torino natal.

A volta à Itália e o retorno ao Brasil (1946-1954)

O retorno à terra natal foi uma sucessão de decepções para Frola. Já em 1947, retomou seu ataque contra o conde Sforza, Pacciardi, Tarchiani e outros ex-membros da Mazzini Society, agora no governo da Itália, aos quais acusava de estarem a serviço do imperialismo americano e de serem os responsáveis pela acusação de comunismo que havia dificultado sua volta à Itália. Também demonstrou sua profunda indignação pela proteção dos Ali-

⁴⁵ Ver *Percché sono unitario*, Cidade do México, 30 de janeiro de 1944, onde ele nega ser comunista, mas defende veementemente a união socialistas/comunistas. Documento citado em Frola (1953: 162-165).

⁴⁶ Ver Gallagher (1988: 138) e Istituto Storico della Resistenza in Toscana/Archivio Giustizia e Libertà, Fondo “Giustizia e Libertà”, f. 3, sottof. 1, “Creation of a national Italian Committee”, sobre a acusação de Carlo Tresca e outros líderes da Mazzini Society que ele era ou comunista ou ao menos um instrumento consciente ou inconsciente do mesmo.

⁴⁷ Ver Frola (1953). Frola parece ter tentado burlar o veto americano através de uma escala no Brasil e de um visto de trânsito brasileiro. O esquema parece ter falhado, mas é importante notar que Frola só obteve o visto graças ao fim da ditadura de Vargas e ao apoio do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, o que demonstra que seus contatos com a esquerda brasileira continuavam. Ver Frola (1947b: 189).

ados à monarquia e ao papado, pela continuidade de muitos velhos fascistas no poder e pela divisão dos antifascistas.

Por fim, Frola disparou todas as suas baterias também contra aqueles que o haviam impedido de realizar seu sonho de ver uma Itália socialista (a esquerda, a democracia cristã, o imperialismo americano) e fornecia a única solução para este estado de coisas: a fusão do PCI e do PSI numa grande força proletária, num grande partido de massas no qual socialistas e comunistas estariam em pé de igualdade (Frola, 1947a, 1947b e 1953).

Com esse tipo de posicionamento, Frola foi ficando progressivamente isolado, não só pelas novas forças dominantes na Itália (a Democracia Cristã e os Estados Unidos) como pelos próprios ex-companheiros de luta antifascista, que se recusavam a compartilhar suas opiniões, talvez irrealistas politicamente, mas lúcidas e coerentes. Aparentemente em grande dificuldades econômicas e profundamente frustrado e isolado politicamente, Frola retomou o caminho do exílio, retornou ao Brasil em 31 de maio de 1954 e fixou residência no Rio de Janeiro.

Seus traços se perdem desde então. Sabemos apenas que se engajou profundamente na campanha pela nacionalização do petróleo que varria o Brasil naqueles anos (Frola, 1954), e que sua morte deve ter ocorrido em um tempo relativamente curto. Seu rico arquivo pessoal parece ter se dispersado (com exceção de alguma documentação menos importante conservada na Fondazione Sella, de Biella) e sua longa vida de militante de esquerda chegou ao fim, assim, de forma bastante melancólica.

Conclusão

Ao estudarmos a vida de Francesco Frola, dificilmente poderíamos deixar de pensar nas questões do poder de influência do indivíduo na História e da articulação do contexto e da ação consciente no fazer-se histórico.

Jamais entenderíamos a sua experiência de vida, de fato, sem uma compreensão clara do que acontecia no mundo em seus anos de atividade política e, apesar de não ter sido nossa intenção nesse ensaio fazer uma história do antifascismo italiano, no Brasil e no mundo, através da vida de Frola⁴⁸, essa história esteve sempre presente, dando o contorno e fornecendo as possibilidades históricas que nosso personagem podia selecionar.

Por outro lado, é importante evitar a supervalorização do contexto como explicação para tudo e de sufocar dentro dele o nosso personagem, ignorando suas ações e interpretações. É uma das tarefas mais difíceis, para qualquer pesquisador, equilibrar, na análise da vida de uma pessoa, o toque individual e o conjunto do sistema social, mas isso deve ser feito sob pena de não conseguirmos compreender tanto a pessoa como o mundo que a rodeava.

De fato, compreender Frola sem entender os aspectos da história dita macro, como a fuga dos militantes de esquerda da Itália, as lutas e os conflitos entre os grupos e as organizações antifascistas, as tradições da esquerda italiana, a ação do fascismo italiano em São Paulo, a funda desconfiança da esquerda dentro do sistema político e policial brasileiro e outros, seria difícil, quiçá impossível. Por outro lado, é fundamental ressaltar que Frola não foi passivo nesse processo de relação com o contexto. Ele analisou, pensou, reinterpreto e ajudou a formar o ocorrido. De fato, coube a Frola, como vimos, papel-chave na formação das alianças entre os antifascistas brasileiros e italianos nos anos 1930 e na própria renovação do antifascismo italiano no Brasil nos anos 1920 e 1930; sem sua ação dificilmente poderíamos entender essas questões mais amplas. O contexto não explica, então, os atos de Frola. Procurou-se levar em conta neste ensaio o diálogo do personagem com as possibilidades históricas dadas pelo contexto -- ele mesmo fruto das ações humanas e variável no tempo que o faz. (Bertonha, 1997).

⁴⁸ - Sobre esta história, ver Bertonha (1999).

Uma análise biográfica comparativa de um velho conhecido de Frola, o professor Piccarolo, pode elucidar melhor essa questão do relacionamento do personagem com seu contexto. O professor Piccarolo, que compartilhava algumas das opiniões de Frola, como a defesa do socialismo, a rejeição ao fascismo e outras, foram ambos colocados diante do mesmo problema: como organizar a luta contra ele? A resposta de Frola, como vimos, foi tentar organizar um antifascismo de massa, uma frente ampla de combate aberto ao fascismo. Submetido ao mesmo contexto e com idéias que, em alguns pontos, se assemelhavam às de Frola, o professor Piccarolo teve, a partir de suas próprias visões de mundo e seus próprios interesses uma reação oposta, e se tornou, por anos, o defensor de um antifascismo ultra-moderado, intelectual e conciliador. Mesmo contexto, reflexão e respostas diversas. Eis o personagem histórico atuando.

Entendemos, portanto, que a análise das condições sociais reinantes no período de vida de Frola podem nos ajudar a explicar vários de seus atos, suas vitórias e suas derrotas. Enquanto tais atos nos ajudam a compreender a cadeia de acontecimentos que formam o contexto, bem como a perceber com mais clareza algumas das grandes questões que envolviam a sociedade brasileira e ocidental nos seus anos de vida. É nesse sentido que esse ensaio sobre Frola se torna, ao nosso ver, historicamente relevante.

Francesco Frola não era, porém, uma simples marionete que pode ser utilizada em nossos ensaios e reflexões sobre a História e o papel da ação humana dentro dela. Ele era um homem e um homem notável. Mesmo hoje, quando suas idéias parecem, talvez, obsoletas, num mundo que vê a privatização de estatais petrolíferas na América Latina que ele tanto lutou para criar, a aparente morte da idéia socialista à qual ele dedicou sua vida e o triunfo final do capitalismo que ele tanto combateu, é impossível não sentir admiração por um homem que, apesar dos enormes defeitos pessoais, deu a vida às preocupações com o social e o coletivo.

Sua história de vida demonstra, assim, a presença dos antifascistas ítalo-brasileiros dentro da rede de produção e transmissão de idéias, conceitos e debates que alimentou os antifascistas italianos espalhados pelo mundo, no entreguerras (e que criou um patrimônio único de reflexões e debates sobre o socialismo e a democracia de grande importância ainda hoje). E indica a força de suas convicções, as quais lhe permitiram manter-se coerente e firme, mesmo quando as derrotas pareciam jamais ter fim. Um ponto a seu favor e um estímulo para que sua memória não seja esquecida.

Bibliografia

- ABRAMO, Fúlvio. "Frente Única Antifascista, 1934-1938", in *Cadernos CEMAP*. São Paulo, out. de 1984, vol. I, nº 1.
- ACCIÓN Democrática Internacional. Primer Congreso Antifascista. México, 1942.
- ANDREUCCI, Franco (org.). *Il movimento operaio italiano. Dizionario Biografico 1853 - 1943*. 1975. Roma: Riuniti.
- BAYER, Osvaldo. 1988. *Severino di Giovanni. El idealista de la violencia*. 2ª ed. Buenos Aires: Legasa.
- BERTONHA, João Fábio. 1994. "O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20". In: *História e Perspectivas*. Uberlândia, nº 11.
- _____. 1994a. "La base sociale dell'antifascismo a São Paulo: un'analisi, 1923-1930". In: BLENGHINO, Vanni (org), *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*. Milão: Nicola Teti.
- _____. 1994. "Entre burgueses e operários. A representatividade social do antifascismo socialista italiano - São Paulo, 1923-1934". In: *História Social*. Campinas, vol. I, nº 1.
- _____. 1996. "Contra o fascismo e contra Mussolini: as estratégias dos socialistas italianos de São Paulo na luta contra o fascismo, 1923-1934". In: *Textos*

- de História*. Brasília, vol. 4, n°1.
- _____. 1997. "Culturalismo e estruturalismo: um debate com E. P. Thompson". In: *Varia História*. Belo Horizonte, n° 17.
- _____. 1999. *Sob a sombra de Mussolini. Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1943*. São Paulo: Annablume; Campinas: Fapesp, Cemi- Unicamp.
- CARONE, Edgar. 1991. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*. São Paulo: s. ed.
- CILLA, Leone. 1983, "Nicola Cilla". In: *Antifascisti romagnoli in esilio*. Florença: La Nuova Italia.
- CRESCIANI, Gianfranco. 1973. "L'opposizione al fascismo degli italiani in Australia, 1922-1940". In: *Il movimento di liberazione in Italia*, XXV, p.113.
- _____. 1979, *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945*. Roma: Bonacci.
- _____. 1979. "Italian antifascism in Australia 1922-1945". In: DE FELICE, Renzo, *Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*. Milão: Franco Angeli.
- _____. 1995. "Omero Schiassi in Australia: l'avvocato dei poveri". In: *Studi Emigrazione*, XXXIII, p.122.
- DELZELL, Charles. 1952. "The Italian antifascist emigration, 1922-1943". In: *Journal of Central European Affairs*, vol. 12, n° 1.
- FABBRI, Luce. 1996. *Luigi Fabbri - Storia d'un uomo libero*. Pisa: BFS, vol 4. Biblioteca di storia dell'anarchismo.
- FALCO, Emilio. 1980. *Mario Mariani tra letteratura e politica*. Roma: Bonacci.
- FANESI, Pietro Rinaldo. 1991. *Albano Corneli e l'esilio antifascista in Argentina*. Milão: Franco Angeli.
- _____. 1992. "El esilio antifascista en America Latina. El caso mexicano. Mario Montagnana y la Garibaldi (1941-1943)". In: *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, II, n° 3.
- FROLA, Francesco. 1914. *Il trionfo della Folla*. Milão: Vampa.
- _____. 1923. *I contadini piccoli proprietari e il PSU*. Roma: s.ed.
- _____. 1925. *La strage di Firenze*. São Paulo: Liberta.

- _____. 1927. *Da Parigi a São Paulo (Storia Documentata d' un fiasco Fascista)*. São Paulo: s.ed.
- _____. 1931. *I tre furfanti (Piccarolo, Mariani e Cilla)*. São Paulo: s. ed.
- _____. 1937. *A cooperação livre: a economia espontânea do povo*. Rio de Janeiro: Athena.
- _____. 1937a. *O trabalho e o salário*. Rio de Janeiro: s. ed.
- _____. 1938. *Recuerdos de un antifascista, 1925-1938*. Cidade do México: Editorial México Nuovo.
- _____. 1938a. *La cooperaciòn libre*. Cidade do México: s.ed.
- _____. 1938b. *Mussolini. Los "rases" fascistas*. Cidade do México: s.ed.
- _____. 1940. *El Estado Corporativo fascista*. Cidade do México: s.ed.
- _____. 1947. *Ventun'anni di esilio, 1925-1946*. Torino: Quarta.
- _____. 1947a. *Lettera aperta ai compagni socialisti del Piemonte*. Torino: s. ed.
- _____. 1947b. *Il vecchio Scemo e i suoi compari*. Torino: Fiorini Editore.
- _____. 1953. *La disfatta di De Gasperi (7/6/1953)*. Torino: s. ed.
- _____. 1954. *Sangue e petróleo*. Rio de Janeiro: Livraria Prado.
- GALLAGHER, Dorothy. 1988. *All the right enemies. The life and murder of Carlo Tresca*. New Brunswick; London: Rutgers University Press.
- GAROSCI, Aldo. 1953. *Storia dei fuorusciti*. Bari: Laterza.
- GATTAI, Zélia. 1979. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record.
- HECKER, Alexandre. 1988. *Um socialismo possível. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- KILLINGER, Charles. 1981. "Gaetano Salvemini e le autorità americane. Documenti inediti del FBI". In: *Storia Contemporânea*, XII, nº 3.
- LACAVA, Antonino. 1983. "Mario Mariani". In: *Antifascisti romagnoli in esilio*. Florença: La Nuova Itália.
- LEIVA, Maria de Luján. 1983. "Il movimento antifascista italiano in Argentina 1922-1945". In: BEZZA, Bruno, *Gli italiani fuori d'Italia*. Milão: Franco Angeli.

- MAFFEI, Eduardo. 1979. "Gigi Damiani e outros". In: *Temas de Ciências Humanas*, n° 5.
- _____. 1984. *A batalha da Praça da Sé*. Rio de Janeiro: Philo-biblion.
- MONTAGNANA, Marcelo. S.d. "I rifugiati ebrei italiani in Australia e il movimento antifascista "Italia Libera" (1942-1987. 1946)". In: *Notiziario dell'Istituto Storico della Resistenza in Cuneo e Provincia*, n° 31.
- MINERBI, A. 1995. "L'emigrazione antifascista: italiani e tedeschi in Messico, 1939-1945". In: *Tina Modotti - Una vita nella storia*. Udine.
- ODDATI, Nicola. 1991. "L'antifascismo e il Congresso di Montevideo". In: *Latinoamericana*. Roma, XII, n° 42/43.
- PICCAROLO, Antonio. 1934. *Il fenomeno Frola*. São Paulo: s. ed.
- TADDEI, F. 1982. *L'emigrazione socialista nella lotta contro il fascismo, 1926-1939*. Florença: s. ed.
- TRENTO, Ângelo. 1989. *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Instituto Italiano de Cultura; Nobel.
- VIDALI, Vittorio. 1972. "Stati Uniti e America Latina: la mia battaglia per la libertà". In: MASSARA, Massimo, *I comunisti raccontano - Cinquant'anni di storia del PCI attraverso le testimonianze dei militanti*. Milão: Edizioni del Calendario.
- ZUCARO, Domenico. 1969. "L'emigrazione politica italiana". In: *Movimento Operaio*, XXII, 8.